

Mato Virgem





Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourival Pereira Junior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marcelo Schramm Mielke

Marileide Santos Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

Ferdinand Maximilian von Habsburg

Mato Virgem

Tradução, introdução e notas de
Moema Parente Augel

Ilhéus - Bahia
2010


Editora da UESC

©2010 by MOEMA PARENTE AUGEL

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

TRADUÇÃO

Moema Parente Augel

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

REVISÃO

Maria Luiza Nora
Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M464 Maximiliano I, Imperador do México, 1832-1867.
Mato virgem / Ferdinand Maximilian von Habsburg;
tradução, introdução e notas de Moema Parente Augel. –
Ilhéus, BA:
Editus, 2010.
364p. : il.; anexos.

ISBN: 978-85-7455-171-5

1. Maximiliano I, Imperador do México, 1832-1867 – Viagens
– Brasil – Bahia (Estado). 3. Bahia (Estado) – Descrições e
viagens. I. Augel, Moema Parente, 1939. II. Título.

CDD 918.142

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122

ALGUMAS PALAVRAS

O nosso patrimônio cultural estava subtraído de expressiva parcela desta história que vimos construindo, aqui na Bahia, ao longo dos últimos séculos.

Eu nem conseguia acreditar que tanto tempo passasse sem que “*Mato Virgem*” viesse incorporar-se ao acervo da cultura brasileira, e, em particular, ao acervo da cultura grapiúna. Foi muito tempo. E muita luta.

Explico: criada a Universidade Estadual de Santa Cruz, tarefa a que dediquei toda a força da minha juventude, acreditava que estavam abertas as cortinas para apresentação do livro de Maximiliano de Habsburgo, irmão do Imperador Francisco José, aos olhos curiosos da História. Publicado em Viena, em 1864, era totalmente desconhecido dos brasileiros. Produzido a partir da experiência da visita a Ilhéus, ou, melhor dizendo, à Mata Atlântica que se estendia pelas cercanias da pequena e velha cidade remanescente da Sede da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, o livro do príncipe austríaco revela aspectos interessantes dos costumes, do meio ambiente, da convivência de brasileiros, índios, escravos e estrangeiros com a floresta e os animais silvestres que tanta paixão despertaram no espírito aventureiro do jovem e arrebatado príncipe.

Da e na Universidade de Santa Cruz nasceu a EDITUS, dirigida magistralmente pela poeta Maria Luíza Nora. Era mais um passo no sentido da edição do livro.

As pesquisas necessárias e a tradução competente

estariam sob a responsabilidade de uma brasileira extraordinária, nascida em Ilhéus e professora em universidades alemães, fervorosamente apaixonada por Maximiliano de Habsburgo. Refiro-me a Moema Parente Augel, amiga querida desde a nossa juventude, em Salvador. Acompanhei de longe a peregrinação de Moema por castelos, bibliotecas e museus austríacos e alemães.

Somando forças, Consuelo Pondé de Sena, brilhante Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, engaja-se na meritória empreitada desde quando dirigia o Centro de Estudos Baianos, da Universidade Federal da Bahia. Naquela época foi editado o ensaio intitulado “*A visita de Maximiliano da Áustria a Ilhéus*” (julho de 1981), também assinado por Moema. Trazia, a publicação pioneira, os primeiros flagrantes do namoro promissor de Moema com o príncipe.

Certa tarde, levei o Reitor Antonio Joaquim Bastos da Silva, da Universidade Estadual de Santa Cruz, ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia para uma visita à sua presidente, a professora Consuelo Pondé de Sena. O professor Joaquim é homem de poucas palavras e muita decisão. E é meu querido amigo. Ficou então decidido que a UESC patrocinaria a tradução e publicação do **Mato Virgem**. Emergia assim do esquecimento um tesouro da nossa cultura.

Foi uma luta longa e pertinaz, mas aí está, para todas as gerações que virão, a trabalhosa tradução de Moema. O seu esforço nos permitirá o conhecimento de fatos importantes da nossa história, bem como da personali-

de romântica de Maximiliano. É o mesmo Maximiliano que naqueles dias de janeiro de 1860 viveu intensamente a realidade da floresta sulbaiana, que ele tanto buscou, e que lhe permitiu deixar valiosas impressões de homens rudes, inclusive os seus conterrâneos Ferdinand von Steiger, em cuja casa rural da Fazenda Vitória ficou hospedado, e Heinrich Berbert, cuja vida selvagem tanto impressionou o príncipe aventureiro.

Aqueles dias de janeiro de 1860, Maximiliano viveu intensamente. Em longa carta ao Imperador, seu irmão, escreveu:

Os sete dias nos quais incursionei nas regiões da mata virgem, onde até hoje muito poucos europeus penetraram, contarão por toda a minha vida entre as minhas mais belas lembranças. As privações que conhecemos durante essa empreitada foram de fato tremendas, a fadiga em consequência de dias seguidos de marcha através de uma espessa vegetação muitas vezes quase impenetrável é indescritível. O calor era extremo, pois estávamos no auge do verão brasileiro e tínhamos ao meio dia o sol no zênite; mas, diante da avassaladora maravilha que é a floresta virgem, eu não sentia nem fome nem sede, esquecia o tormento dos incontáveis enxames de insetos, os ferimentos causados por espinhos e o perigo das serpentes venenosas e me senti invadido por uma tal paixão e entusiasmo pelo tipo de vida do meu guia pele-vermelha, primitiva, primeva, viril, vigorosa, que só com grande dificuldade consegui separar-me dela para retornar ao meu navio no tempo aprazado”.

(Trecho da carta de Maximiliano de Habsburgo ao

Imperador Francisco José, seu irmão. Arquivo Nacional de Viena. Pesquisa e tradução de Moema Parente Augel).

Registre-se que a Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, está edificada precisamente naquele espaço geográfico por onde andou Maximiliano em sua visita às matas do Sul da Bahia. A nossa modesta contribuição ao resgate da histórica aventura do nobre austríaco é um dever cultural que cumprimos com grande satisfação.

Salvador, 29 de junho de 2008.

Soane Nazaré de Andrade

Professor Titular da UESC, aposentado

PREFÁCIO

“A perseverança é a grande agente do êxito”.

G. Dargan

Não importa o tempo de espera, o que conta é a realização do objetivo. Com essas palavras, quero afirmar o quanto valeu perseverar, ao longo de muitos anos, a fim de realizar um desejo acalentado. Refiro-me a esta obra, que ora tenho a honra de prefaciar. Há precisos 27 anos, diligenciei a publicação de um trabalho prévio sobre o tema, traduzido e escrito por Moema Parente Augel: “A visita de Maximiliano da Áustria a Ilhéus”, editado sob o número 94, 1981, da Série Centro de Estudos Baianos, da UFBA.

Como se pode observar, o dilatado tempo de espera evidencia a persistência do propósito, nas intenções dos que levam a termo essa empreitada, finalmente patrocinada pela Universidade Estadual de Santa Cruz.

A muitos estudiosos interessará esta obra, a partir de agora, acessível à curiosidade de todos, mas muito especialmente dos baianos, dos filhos, ou moradores, da antiga Capitania de São Jorge dos Ilhéus.

Em primeiro lugar, por ordem de interesse, destaco o empenho da tradutora, a conceituada estudiosa dos viajantes estrangeiros no Brasil, Moema Parente Augel, que, inspirada na vida e na personalidade do malogrado arquiduque austríaco, jamais desistiu de pesquisar sobre a sua existência.

Nascida em Ilhéus, mas residente, há muitos anos, em Bielefeld, na Alemanha, Moema tem-se ocupado dos relatos de alguns viajantes estrangeiros que percorreram o território baiano. Seu exemplo de pertinácia e obstinação se funde à indiscutível competência e amor ao trabalho.

Cabe aqui uma informação sobre o primeiro intelectual da Bahia que se interessou em traduzir texto escrito por Maximiliano sobre a Bahia. Trata-se do erudito professor Frederico Edelweiss que, nos idos de 1960, publicou, no número 43, da mesma Série Centro de Estudos Baianos, o estudo: “A Visita de Maximiliano da Áustria à Bahia”.

Foi ele quem, primeiramente, revelou a importância dos livros de Maximiliano para a bibliografia baiana e brasileira, impondo-me a tarefa de diligenciar a consequente publicação daqueles inéditos, escritos em gótico alemão.

No trabalho a que estou me referindo, Edelweiss traça abreviado perfil daquela personalidade, ao tempo em que comenta os livros acerca de Salvador e de Ilhéus. Quanto ao exemplar dedicado a Ilhéus, denominado “Mato Virgem”, faz pertinentes observações, estranhando que o arquiduque não o houvesse concluído. São essas as suas palavras: “Neste ponto Maximiliano interrompe o insubstituível diário da sua viagem ao Brasil e nunca mais lhe retoma o fio, nem mesmo ao dar os seus apontamentos à impressão para uso restrito de amigos privilegiados”.

Tendo participado da edição da “Bahia 1860 – Es-

boços de Viagem”, de Maximiliano de Habsburgo, publicada pela Editora Tempo Brasileiro, em 1982, Moema Parente Augel não descansou enquanto não viu assegurada a publicação de “Mato Virgem”, o que ora está sendo realizado graças à constante colaboração do Ex-Reitor da Universidade Estadual de Santa Cruz, Professor Soane Nazaré de Andrade, e à sensibilidade e compreensão do atual responsável pela instituição promotora, o Reitor da UESC, Professor Antonio Joaquim Bastos da Silva.

Não tendo podido realizar este desiderato, quando no comando da mesma Reitoria, propôs ao atual dirigente daquela instituição que viabilizasse o antigo sonho de alguns, entre os quais se incluía o que está sendo concretizado com a edição brasileira de um livro escrito em 1860, portanto, há precisos 148 anos.

Assim sendo, o mencionado timoneiro da UESC cumpriu o que muitos almejavam, enchendo de alegria a mim própria, a Moema e a Soane, todos empenhados em celebrar o propósito comum de publicar esta obra.

Diria que Moema se apaixonou, perdidamente, pelas narrativas do romântico e imaginativo viajante austríaco. Por conta dessa dedicação, visitou espaços percorridos por Maximiliano, nos quais a real personalidade deixou marcantes sinais da sua presença. Também percebeu, com os olhos da sensibilidade, o sonho de que se nutriu o arquiduque austríaco para atravessar o Atlântico e embrenhar-se nas terras tropicais.

No Trópico de Capricórnio, viveu ásperos dias de um passado longínquo, em meio às dificuldades de toda

natureza, diante do estranhamento das paisagens e dos tipos humanos exóticos e singulares.

Desconhecendo o idioma português, o afoito e destemido primo do Imperador D. Pedro II deixou o sossego e o conforto da civilização européia, trocando-os por uma árdua aventura em paragens estranhas e inóspitas.

Sobre a cidade do Salvador, nos “Esboços de Viagem”, encheu páginas e páginas de observações curiosas e comentários, por vezes, preconceituosos, contaminados que eram pelas idéias científicas e pelos preconceitos da sua época.

“O tempo gasta o erro, e pule a verdade”, sentenciou de Levis. Por isso, vale lembrar que o homem é escravo do tempo em que vive e dele não consegue escapar.

Descuidado em relação aos efeitos do abrasante sol dos trópicos, Maximiliano descreve, na página inicial de “Mato Virgem”, o desconforto de que foi vítima em decorrência das diferenças climáticas entre a Europa e a América do Sul. São dele essas palavras de desabafo: “As insuportáveis dores, ora agudas como pontadas, ora repuxando, faziam-me recordar vivamente minha desatenção em não me ter protegido dos raios solares, despertando-me arrependimento e sofrimento, causando até mesmo crises de desespero, pois eu receava que o estado em que me encontrava pudesse impedir-me de realizar meu antigo plano de empreender minha tão sonhada expedição à floresta virgem”.

Como quase todo estrangeiro apegado à organização e ao cumprimento rígido dos horários, Maximiliano

programara todas as atividades com exatidão. Calculara os horários a cumprir com rigidez e precisão, não lhe sendo imaginável que ocorressem acidentes de saúde ou de percurso.

O arquiduque austríaco amava a natureza, observava-a atentamente, deslumbrando-se com o que seus olhos iam descortinando. A visão da floresta o embevecia e maravilhava, a ponto de escrever: “...aquela massa verde ininterrupta, que subia em suaves elevações, aqueles paredões de coqueirais, invadindo o Oceano que rolava para a costa, ofereciam uma visão fascinante ao visitante que ali estava pela primeira vez.”

Amava as viagens, tendo, antes dessa experiência americana, visitado vários países e descortinado desconhecidas paisagens, sendo suas essas considerações: “Só as viagens podem proporcionar tais instantes. São os mais nobres, os mais puros da vida humana e constituem a doce recompensa para os grandes sacrifícios e esforços sem fim”.

Assim, no início do seu pitoresco relato, narra a chegada ao cais de São Jorge dos Ilhéus, onde aportou em frente à cidade, àquela altura não mais esquecida, daí terem seus habitantes se alvoroçado com a chegada do vapor que conduzia os visitantes, trazendo em alto estandarte hasteada uma bandeira branca, que dava boas vindas aos moradores locais. Acompanhava o ilustre representante da nobreza austríaca o cônsul da Áustria na Bahia, senhor Lohmann, que residia na Bahia, onde se instalara, desde 1850, como próspero comerciante exportador. Seu obje-

tivo era conduzir o ilustre patricio até a propriedade do senhor Steiger-Muenssingen, suíço alemão que vivia na região, há cerca de quinze anos.

Assim, enquanto o cônsul desembarcava do navio, indo de barco rapidamente a fim de avisar ao amigo sobre a real visita, Maximiliano permanecia no vapor “Elisabeth” à sua espera.

“Passei o fim da tarde e o anoitecer na minha rede, em meio às piores dores, esperando ansiosamente os próximos acontecimentos. Todo o meu ser ardia na ânsia em concretizar essa aventureira tentativa de penetrar finalmente na terra primeva propriamente dita, e com isso poder realizar o motivo principal da minha viagem”.

Datado da fazenda Vitória, 16 de janeiro de 1860, é o início da circunstanciada narrativa do visitante austríaco. Antes de iniciá-la, contudo, permite-se evocar outros lugares visitados, desde os dias da mocidade. Predisposto a conhecer lugares estranhos, o inquieto viajor se detém nas evocações das visitas à Grécia, a Roma, ao Egito, a Jerusalém. Agradava-lhe descobrir aspectos das localidades misteriosas, sempre considerando que mereciam ser vistas, fossem quais fossem os sacrifícios que se impunham para alcançá-las.

Minuciosamente, descreve os primeiros contatos com a floresta atlântica, deliciando-se com a fantástica aventura. No mato bravio e indomado, o indivíduo tem que se valer dos próprios recursos pessoais, daí a limitação ao mínimo daqueles que poderiam facilitar a viagem. “Tais expedições estão baseadas apenas no indivíduo, du-

rante a sua duração nem a condição social nem nenhum tipo de casta tem algum valor. Face à natureza primitiva, cada um é um ser humano primitivo, e somente a vontade férrea, e não qualquer tipo de ordem, pode levar os participantes a suportarem perigos e fadigas”.

Assim é que se refere às inconveniências geradas pela distinguida condição social do indivíduo que, em tais circunstâncias, era, invariavelmente, protegido “por uma redoma oficial”. Assim, deixa entrever que, no seu caso particular, tal situação priva-o de experimentar sensações comuns às demais pessoas, pois essas se valiam apenas do esforço pessoal. Rejeita, portanto, a condição de observador privilegiado, da qual não consegue, contudo, escapar.

Vale transcrever observações do seu próprio punho: “Nos salões finamente perfumados, vão chamar essa tendência de mania por aventuras; eu acho, porém, que aventuras dessa espécie são muito saudáveis para a formação do caráter, são do tipo que se tornam uma verdadeira necessidade para as pessoas de natureza forte que querem evadir-se de uma existência enfadonha”.

Essa sensação de cansaço em relação ao “mundo” aristocrático, vazio e fútil é que impelia o arquiduque a deixar o conforto do mundo europeu e embrenhar-se em espaços inóspitos, como o mato virgem dos seus sonhos.

Sua narrativa colorida sobre a travessia feita em barco, arrostando perigos inestimáveis, é cheia de encantamento e surpresa.

Ao pisarem, enfim, em terra firme, encontraram-se, e seus companheiros, com Dom Pedro Koch, “uma es-

pécie de administrador” da Fazenda Vitória, descendente de alemães, mas inteiramente brasileiro, nascido e criado nos trópicos, sobre quem faz pertinentes observações.

Ao descrever as casas de Ilhéus, Maximiliano compara-as com as de Itaparica, que lhe parecem assemelhadas: “as mesmas janelas sem vidraças, a mesma arquitetura improvisada, evocando casinhas de madeira de um brinquedo infantil”. Observa ainda que as casas brasileiras “trazem o carimbo da improvisação; elas são apenas umas proteções contra o sol e a chuva.”

Logo a seguir, passa a observar as pessoas à sua volta, desde os pálidos conterrâneos até os descendentes dos africanos, “pretos como o carvão”. Acrescenta que, “pela primeira vez, podíamos ver ali brasileiros amarelos, horríveis mulatos, resultados de toda sorte de mistura sangüínea, e mesmo índios vermelho-cobre da tribo dos botocudos, com seus traços largos e olhos pretíssimos e inquietos”.

Em seguida, tece comentários sobre as mulheres, assinalando textualmente: “Como na Bahia, só que com menos coqueteria, viam-se aqui também as negras vestidas com blusas brancas e soltas e saias coloridas de algodão, o pano enrolado na cabeça em forma de turbante. Elas tinham em geral um belo corpo, mas caras horríveis com a larga bocarra da qual os alvíssimos dentes brilhavam impertinentes”. Comenta a seguir: “Os rapazes negros vestiam calças curtas de algodão, em geral uma camisa azul-escura e um pequeno chapéu de palha amassado sobre a lã curta da cabeça enfiada no pescoço. As crianças, magras, de caras descoradas e pálidas, os olhos azul miosótis

e os cabelos amarelo-palha e arrepiados, chamaram-me especialmente a atenção e me faziam vivamente lembrar a descendência das nossas aldeias alemãs”. Dirigiu-se a dois meninos maiores e lhes falou em alemão: “olharam para mim timidamente e não conseguiram responder-me; só com muita dificuldade, pronunciando mal e de forma quase incompreensível, puderam dizer o próprio nome alemão. Eram filhos de imigrantes alemães, como muitos que vivem em Ilhéus”, acrescenta.

Atribui ao fato de os pais só se comunicarem com os filhos em outra língua, no caso o português, representar tristeza para os colonos. Por essa razão intui: “Essa realidade que se repete por toda parte pode ser o principal motivo da profunda melancolia que pesa densa e assustadora, na fisionomia e na alma desses colonos alemães”.

O que se destaca em toda a narrativa de Maximiliano é a grande alegria diante da opulenta natureza. Deslumbrado com a mata, vai, a todo instante, descrevendo os quadros que se descortinam diante dos seus olhos, desde o nascer do sol na fazenda, ou quando atingia o zênite, e brilha com a força com que se expõe nos trópicos, além da densa, escura e profunda noite na floresta.

Com efeito, o romântico visitante inebria-se diante da majestosa natureza. Descreve, igualmente, os estranhos hábitos alimentares da região. Descreve as iguarias servidas no repasto da manhã, compostas de peixes e farinha, bem condimentados. Menciona o estranho uso da “cachaça de Lisboa”, “um nocivo costume das terras tropicais que deve prejudicar mais o corpo do que o permanente calor”.

Não lhe parecem menos destituídos de apreciação os segredos das matas, com seus pássaros exóticos, com sua flora exuberante, mas também com seus moradores mestiços. Refere-se às plantações de cacau e às casas dos colonos, seus filhos pálidos e desenraizados das origens, com os quais os pais só podiam falar num trôpego português, pois desconheciam a língua alemã. Não parece confiar no sucesso daquela colonização. Por isso, comenta: “pois Ilhéus não tem nenhuma aparência de prosperidade”. Ali se encontravam apenas poucos artesãos, uma farmácia e alguns escritórios para alguns fazendeiros do interior. Canoas estabelecem a ligação com a mata, sendo que um velho vapor ali aporta a cada mês, lembrando aos habitantes da região sua ligação com o mundo. A seguir, Maximiliano se reporta à existência de uma igreja e um sacerdote, este responsável pelo extenso território, incluindo a floresta. Arremata, porém, com a afirmativa de que, de acordo com o modo de ver das pessoas, tanto a igreja como os padres são apenas “uma convenção” social, não uma necessidade devocional. De igual modo, declara que “o ofício de padre não é um pouco cansativo, parecendo bem mais uma espécie de sinecura”.

Escrevendo sobre a religião ali praticada, assinala que os brancos já haviam chegado da Europa com suas convicções e práticas religiosas, enquanto os negros acreditavam que seus senhores representavam o bem e o mal. É natural que se considere esse juízo como uma avaliação superficial e apressada. O mesmo vale para “os peles vermelhas”, como designa os indígenas, que vagueavam pela

área e não possuíam crença alguma.

A casa passo, Maximiliano compara o país que visita com o mundo a que pertencia.

Detém-se nas observações sobre Heinrich Berbert, a quem denomina de “Rei da Floresta”, pois a ele todos obedecem, homens e animais, também os fazendeiros, numa extensa área daquela região.

Não lhe escapam observações sobre as pessoas com as quais vai mantendo contato. Para cada uma delas, sempre faz uma avaliação, baseada naturalmente na interpretação pessoal sobre cada brasileiro ou estrangeiro que ia conhecendo.

Mas seu deslumbramento se rende, inteiramente, à exuberância da natureza, que o encanta e sobre a qual escreve exaustivamente. Não se atém, contudo, apenas à floresta, à mata atlântica que fascina. Descreve rios, cachoeiras e outros mananciais de água.

Por isso, nada lhe foge à aguda percepção, desde o som aterrador do guariba ao “metálico e estridente” grito da araponga.

Comenta sobre o “Rancho do Príncipe”, habitação que privilegiava na referida visita a Ilhéus: “preferível a muitos palácios rutilantes em que me hospedei nas minhas andanças européias”.

Na floresta, Maximiliano experimentava a sensação de inteira liberdade, de paz interior, o que o comprazia verdadeiramente. Sente-se nas suas palavras de deslumbramento e na comparação que costuma fazer entre a fá-tua vida na Corte de Viena e a simplicidade daquela que

estava descobrindo que é patente a sua preferência pela segunda alternativa.

A certa altura da sua fascinante narrativa, permite-se revelar: “A noite tinha caído, a noite na vasta, imensa floresta, os sonhos de minha juventude se realizavam cada vez mais claramente: eu era hóspede de um ‘fazendeiro’, no verdadeiro ‘mato virgem’, longe da civilização, longe de tudo o que é habitual e conhecido, rodeado da selva sem fim que se alastra amplamente desde as margens espumantes do Oceano até as cadeias nevadas dos Andes”.

Nas conversas entretidas com os Steiger, em cuja casa hospedou-se, refere-se aos negros e à escravatura. Menciona a atuação do Dr. Steiger que, não sendo diplomado em medicina, atuava como se o fosse. Tal fato teria a ver com o seu maior conhecimento em relação aos demais moradores e a oportunidade de acesso mais próximo aos escravos. A esses, o arquiduque austríaco, com toda a carga preconceituosa do seu tempo, também se refere como “mercadoria humana”.

Embebido dessas idéias, chega a indagar, curioso, ao seu anfitrião se aquela gente era humana.

Uma sentença, contudo, parece digna de destaque, pois revela a comiseração daquele arquiduque em face do terrível estatuto: “Não é possível imaginar-se um viver mais triste do que a existência dos negros; eles levam uma vida de condenados das galeras”.

Maximiliano detém-se nas observações sobre o plantio do cacau, associando o fruto às lembranças da infância na Europa.

Não terminaria mais esse comentário não fosse o cuidado de permitir ao leitor acompanhar, passo a passo, a fascinante aventura.

Para finalizar, permito-me informar que a narrativa termina bruscamente, não tendo o escritor terminado o seu trabalho.

Conclui-o, de certa forma, Moema Parente Augel, com seu espírito de pesquisadora pertinaz e competente, que, nos anexos dá conhecimento do resto do relato incompleto de Maximiliano. Com efeito, Moema se torna parceira do arquiduque da Áustria quando extrapola a tarefa de tradutora. Assim, não aceita observação final da obra inesperadamente concluída, acompanhada da observação de que múltiplos afazeres não haviam permitido o autor de dar continuidade à sua narrativa.

Por isso, prossegue nas suas buscas, compulsa outras fontes de informação encontrando diários e apontamentos, em que Maximiliano conclui o seu trabalho narrativo.

Esse cuidado, esse zelo, agregado às notas de pé de página, elucidativas e precisas, tornam mais valiosa esta publicação.

Salvador, agosto de 2008.

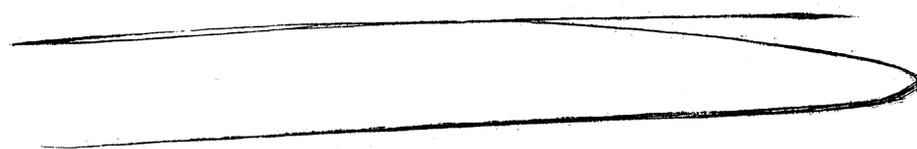
Consuelo Pondé de Sena

Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia



Arquiduque
Maximiliano de
Habsburgo, futuro
Maximiliano I,
Imperador do
México.

Maximilian



Sumário

INTRODUÇÃO | 25

MATO VIRGEM

São Jorge dos Ilhéus, 15 de janeiro de 1860 | 59

Fazenda da Vitória, 16 de janeiro de 1860 | 69

No Mato virgem, 17 de janeiro de 1860 | 156

No Mato virgem, 18 de janeiro de 1860 | 200

Na colônia alemã em Cachoeira, 19 de janeiro de 1860 | 218

Anexo A | 223

Reconstituição da viagem de Maximiliano de Habsburgo ao Brasil a partir das anotações dos Cadernos 1 e 2 e da Caderneta de campo

Anexo B | 255

Carta de Maximiliano de Habsburgo ao imperador Francisco José

Anexo C | 279

Poemas

Anexo D | 353

Obras de Maximiliano de Habsburgo, depois Maximiliano I, Imperador do México, em ordem cronológica

Anexo E | 361

Roteiro da viagem de Maximiliano de Habsburgo ao Brasil